

MICROSCÓPIO

E', por excelência, o Cristianismo a religião universal. Não tanto pelo número dos seus adeptos, como pela fraternidade, que é o fundamento da sua doutrina. Era o Moisés a religião de um só Deus e, também, a de um só povo, o povo eleito. Veio o Cristo, e abriu os braços a todos os homens, sem distinção de raças e condições. Somos todos irmãos: os pobres e os ricos, os justos e os pecadores, os pretos e os brancos, os que mandam e os que obedecem. Arde em toda criatura humana a centelha divina, que a torna respeitável e sagrada. E o velho Deus dos hebreus tornou-se o Deus de toda a humanidade. A estátua do Corcovado, com os braços abertos para o mundo, é bem o símbolo do Cristianismo.

Este seu caráter universal e humano, encontro-o eu na Associação Cristã de Moços, que está comemorando agora o seu primeiro centenário. O seu fundador, Jorge Williams, então um simples empregado no comércio de Londres, pretendeu, antes de mais nada, preservar o espírito e o coração de alguns colegas, que viviam nas mais tristes e insidiosas condições na metrópole inglesa. Estava lançada a semente, de que haveria de surgir uma grande instituição. Estava dado o primeiro passo para a cultura integral do homem, no seu triplice aspecto: moral, intelectual e corporal. E tudo isto sob a inspiração de um amplo e compreensivo Cristianismo, que não distingue seitas, nem confissões, e a todos acolhe indistintamente.

Neste nosso mundo, dividido por tantas dissensões ridículas, talado por tantos ódios insensatos, immobilizado e empobrecido por tantas barreiras fatais, nunca foi mais necessário a verdadeira inspiração cristã, porque somente ela, afirmando a igualdade fundamental do homem e postulando a fraternidade, poderia abrir realmente uma nova era para a civilização. Por isto, instituições como a Associação Cristã de Moços podem desempenhar uma grande tarefa.

RAUL PILLA

9.6-44